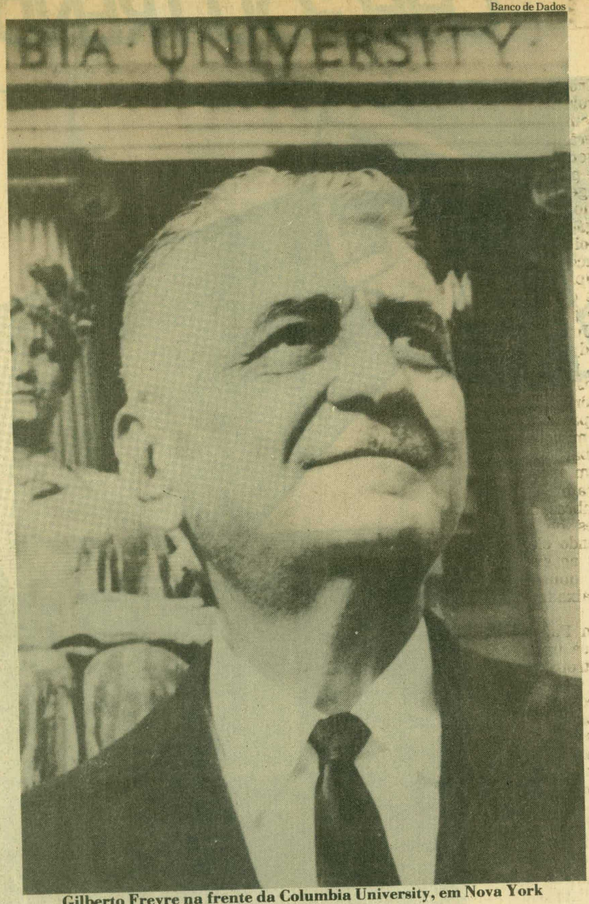
Banco de Dados

SIBH
Pt. 1960



Gilberto Freyre na frente da Columbia University, em Nova York

Um bombom para Gilberto Freyre

DARCY RIBEIRO
Especial para a **Folha**

Gilberto é o mais eminente dos intelectuais brasileiros. Assim é porque escreveu o livro mais importante da nossa cultura: "Casa-Grande & Senzala". Até que fosse publicado, no começo da década de 30, se podia pensar que o nosso grande livro fosse —e isso era verdade— "Os Sertões", que retrata uma das nossas faces, não só com grande poder interpretativo e ensaístico, mas também com uma imensa força literária.

Gilberto Freyre entra olhando a outra face: a elite rústica brasileira, elite patriarcal do nordeste açucareiro, que tem muitas características comuns com a elite brasileira geral, ou seja, a gente que fez este país, a gente que comandou a cultura deste país. Muitos esquerdinhas se negam a ler Gilberto por seu reacionarismo —e ele é reacionário. Acham talvez que ele devia escrever "Senzala & Casa-Grande", dando precedência ao negro, que de fato foi mais importante como força de trabalho. Mas o negro não mandou, coitado, quem mandou foi o branco. A cultura que predominou, que impôs, foi o barroco português e esse feito a forma de sociedade que corresponde a ele, o modo da família, o modo da sociedade, que parecia romana, com um patriciado muito ilustre, montado em cima de uma escravatura, que tinha de renovar ano a ano, tanto era o consumo de escravos. Isso é o que Gilberto retrata.

Gilberto para mim foi sempre uma incógnita. Eu sempre me perguntei por que Gilberto, tão tacanho no plano político, foi capaz de escrever esse livro tão grande, tão generoso. É dessas coisas impossíveis de interpretação. Eu suponho que em Gilberto se combinem muitas faces diversas, um enorme vigor literário e um conhecimento profundo de Antropologia. Isto permitu a ele olhar o Brasil iluminado por um sabor científico e expressá-lo armado de uma enorme capacidade literária.

Estilista

Há mais coisas: o Gilberto é também ambíguo. E no seu caso a ambiguidade foi muito fecunda. Ele é o brasileiro, pernambucano, menino das suas aventuras com os negrinhos do engenho, é o comedor de rapadura, o tomador de banho de rio. Mas esse menininho pernambucano de repente fez-se inglês, permaneceu a vida inteira um inglês. Quis ser pastor anglicano, inclusive para isto foi estudar nos Estados Unidos. Lá, felizmente, se salvou. Depois quis se fixar na Inglaterra como professor de espanhol. Felizmente voltou. E não voltou boquiaberto de espanto e admiração como a maioria dos brasileiros que estuda no estrangeiro. Voltou pernambucano e fixou-se num subúrbio de Recife, Apipucos, que ele dignificou —um casarão enorme, maravilhoso, com os móveis também magníficos e que passou desde então a ser um bairro do mundo. O mundo sábio de Apipucos.

Apipucos mostrou como um homem pode ser universal sendo regional, olhando o seu contexto. Não só o contexto vivente, mas o que está atrás do vivente, o passado, revivendo esse passado, como diz Gilberto, "tocando em nervos". Ele fala da nossa ancestralidade senhorial como quem fala do seu avô, do seu bisavô, de sua gente.

Ao ser lançado, "Casa-Grande & Senzala" provocou a maior perplexidade. Alguns desconfiavam que o livro era grande e muito importante. Outros, inclusive Afonso Arinos, por exemplo, achavam que aquilo era mais pornografia do que sociologia. E, de fato, tinha um certo aspecto, quando Gilberto conta o costume dos nossos avôs de jurar "pelos pentelhos da virgem" ou quando descreve o costume do "despique" que havia no nordeste, que é dos brasileiros intercambiarem esposas entre amigos.

Em Gilberto, é sempre o escritor que comanda o estilo. É o estilista que comanda a escritura. Isso podia conduzir a uma literalização das coisas, um romanceamento. Isso não ocorre. Esse cuidado literário, esse rigor que me encanta é fiel ao cientista, é fiel à documentação. Gilberto está sempre documentadíssimo naquilo que diz.

Método

Uma das minhas tristezas, quando voltei do exílio e retomei as aulas no Brasil, foi de ver a má vontade em geral que havia na Universidade contra Gilberto. Jovens exigiam de si mesmo não ler Gilberto porque ele era um udenista, um reacionário que de vez em quando fazia afirmações horrorosas. Perdiam muito. Ninguém pode se formar como intelectual desse povo nosso sem ler Gilberto. É preciso ler também Josué de Castro, Artur Ramos, Caio Prado, Sergio Buarque, mas sobretudo Gilberto. Gilberto é de uma importância que não excede, e o mundo sabe disso.

Gilberto pensou durante muito tempo que ele tinha um método próprio que podia vender. Até escreveu um tratado de sociologia que é uma "bobologia". Mas o fato é que não existe um "método Gilberto" que possa ser copiado por ninguém. Simplesmente porque ele não tem método. Um outro livro que ele tentou fazer com muito método —"Ordem e Progresso"— é muito ruim. Quer dizer, quando Gilberto quis se dar rédeas ficou medíocre.

O grande de Gilberto é a capacidade de se impregnar com uma quantidade espantosa de documentos e sair deles com um texto de leitura brilhante que nos reconstitui em palavras, que é a forma pela qual um povo existe. O espanhol é muito mais espanhol depois que Cervantes escreveu "Dom Quixote". Em cada país culto você encontra essas figuras que são capazes de dar forma e imagem a um povo através de textos literários, que são espelhos nos quais aquele povo e outros povos se podem ver, pensar, objetivar. Isso é o que é "Casa-Grande & Senzala".

Gilberto Freyre era um homem por quem eu tinha enorme admiração como ensaísta e como literato, mas era homem com o qual nunca concordei. Tinha uma simpatia imensa por Gilberto, inclusive por um aspecto que sempre assinalei: Gilberto era um carente como eu, precisava de elogios, gostava de elogios como de bombons. Eu sou igualzinho.

DARCY RIBEIRO, 64, é antropólogo e é secretário extraordinário de Desenvolvimento Social do Estado de Minas Gerais.